

INTRODUÇÃO CRÍTICA

DOIS LIVROS RAROS DE ADOLFO CAMINHA

SÂNZIO DE AZEVEDO
da Academia Cearense de Letras

I. O ESCRITOR E O HOMEM

FILHO de Raimundo Ferreira dos Santos Caminha e de Maria Firmina Caminha, nasceu Adolfo Caminha em Aracati, Estado do Ceará, no dia 29 de maio de 1867.

Aos dez anos de idade, perdeu sua mãe, vítima da grande seca de 1877. Transferido então para Fortaleza, estudou as primeiras letras em casa de parentes. Mais tarde,

aos treze anos, seu tio-avô Álvaro Tavares da Silva, residente no Rio, chamou a si os encargos de sua educação, matriculando-o, afinal, na antiga Escola de Marinha [como informa Sabóia Ribeiro, estudioso de sua vida e de sua obra].¹

Tendo ingressado na Escola em 1883, pouco tempo depois, numa sessão em homenagem póstuma a Vítor Hugo, na presença do próprio Imperador Pedro II, faz eloqüente apologia da Abolição e da República, da Liberdade e da Democracia. Esse fato, geralmente dado como ocorrido em 1884, deve ter tido lugar realmente em 1885, ano do falecimento do poeta de *La Légende des Siècles*.

Aos dezoito anos é guarda-marinha e, em 1886, faz uma viagem de instrução no cruzador *Almirante Barroso*, viagem de que resultará anos depois o livro *No país dos ianques*. Em dezembro desse ano irá servir no *Solimões*, navio que naufragará em 1892, levando consigo, entre tantos, seu companheiro de armas e de letras, Alfredo Peixoto.

É ainda de 1886 a publicação de seu livro de estréia, *Vôos incertos*, de poemas, a que se seguirá, em 1887, *Judite e Lágrimas de um crente*, de novelas. Publica então na *Gazeta de Notícias* (segundo informação de Sabóia Ribeiro) o conto "A Chibata", em que denuncia a crueldade dos castigos corporais nos navios de guerra daquela época; retornaria ao tema anos depois.

¹ Sabóia Ribeiro. *Roteiro de Adolfo Caminha*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1957 [p. 7].

Nesse ano de 1887 Caminha serve em nada menos de quatro unidades navais: o couraçado *Sete de Setembro*, a corveta *Niterói*, o cruzador *Guanabara* e a canhoneira *Afonso Celso*.

Afinal, contando vinte e um anos de idade, é promovido, em dezembro ainda desse 1887, a segundo-tenente. Frota Pessoa, que lhe dedicou entusiástico e carinhoso artigo em seu livro *Crítica e Polêmica* (1902), afirma a propósito:

Quem começava, ascendendo com essa celeridade, tinha direito de sonhar com as insígnias gloriosas do almirantado, para muito antes que a velhice o transformasse num ornamento marcial.²

Embarcando em 1888 no patacho *Paquequer* com destino a Fortaleza, tudo lhe correria bem na capital cearense durante os primeiros tempos: oficial da Marinha, escritor com dois livros editados no Rio, moço e bem-apeçoado, tudo tinha o jovem militar para vencer em sua própria terra, que o recebia de braços abertos.

Fundado o Centro Republicano do Ceará, em 1889, dele faria parte ao lado de Joaquim Catunda, José do Amaral, João Cordeiro, João Lopes, Jovino Guedes, Antônio Sales, Pápi Júnior, Álvaro Martins e vários outros. Adolfo Caminha compareceu ao ato de fundação do Centro, segundo se diz, ostensivamente fardado. . .

Não iria porém durar muito sua vida na Marinha: após alguns idílios inconseqüentes, o jovem oficial apaixonou-se perdidamente por uma mulher casada e seu amor é correspondido. Deixemos que fale Frota Pessoa, seu amigo e certamente seu confidente:

O idílio começou com todas as secretas cautelas, tímido a princípio, mais tarde audacioso e imprudente. Nasceram ponderadas suspeitas no espírito do marido; cenas conjugais, violentas disputas, tempestuosas explicações lavravam aos poucos a discórdia no casal e, uma certa manhã, ela deserta do lar e se vai abrigar na casa do namorado. Ele não hesita; aceita-a e, em pleno dia, atravessa a cidade com a sua amada pelo braço e a deposita em lugar seguro.³

Frota Pessoa fala de cóleras que se assanham, não só as legítimas, do esposo ultrajado e de seus amigos, como também outras, que ras-tejam nas sombras, carregadas de invejas. O pior de tudo é que o marido desprezado era um oficial do Exército e, segundo Sabóia Ribeiro, o fato indignara os alunos da Escola Militar. Amigos de Caminha vão preveni-lo:

Contam-lhe que a oficialidade da guarnição tomara atitude e já se dirigira ao Ministro, pedindo a sua retirada urgente do Ceará. Ou isso, ou uma desgraça, que ninguém poderia evitar, aconteceria.⁴

² Frota Pessoa. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro, Artur Gurgulino, 1902 [p. 216].

³ Id., ib., [p. 218].

⁴ Sabóia Ribeiro, ob. cit. [p. 36].

Toda a sociedade fortalezense repudia o ato do jovem escritor. Mas ele sabe bem o que quer, e, ainda consoante a observação de Sabóia Ribeiro:

Desde aquela hora, Isabel Jataí de Paula Barros seria, para ele e para o seu coração, apenas Isabel Ferreira Caminha.⁵

É realmente o que parece dizer a dedicatória que Adolfo Caminha porá na abertura de seu livro *Cartas literárias* (1895):

A Isabel C***. Quero que o nome dela fulgure como uma legenda de ouro à primeira página de meu livro. . .

Chamado ao Rio de Janeiro pelo último ministro da Marinha no Império, obtém ali uma licença e regressa a Fortaleza, para onde fora transferido, entre outras razões, por motivos de saúde.

É proclamada a República. E ele, que tanto se expusera pela causa, não é esquecido: vão buscá-lo em casa para ser um dos oradores da festa republicana. E, diante de um auditório hostil, seu discurso arranca estrondosos aplausos daquela mesma sociedade que o segregara.

Passada porém a euforia da vitória, tudo volta à monotonia normal, e novamente seus perseguidores trabalham: é ele chamado, com urgência, à Capital Federal pelo ministro da Marinha, o primeiro do novo regime. Seus superiores do patacho *Paquequer* tentam em vão interceder a favor de Caminha, alegando problemas de saúde. Tem de partir e, no Rio, apresenta-se ao ministro, de quem recebe ordens terminantes de embarcar num vaso de guerra que partiria logo para a Europa. Ao comandante do navio diz o tenente que simplesmente não pode viajar, por estar enfermo: negam-lhe qualquer licença, e o navio apenas espera por ele para zarpar. E a amada a esperá-lo em Fortaleza! E os camaradas e amigos tentando convencê-lo de que não tem outra saída senão embarcar. . .

Foi então que, não vendo diante de si outra alternativa digna, tomou a mais inesperada das decisões: pediu sua demissão da Marinha, onde ingressara tão galhardamente. Consta que seus superiores ainda adiaram o desfecho do processo, concedendo-lhe tempo para reconsiderar sua atitude extrema. Ele, porém, estava decidido, e conseguindo com Rui Barbosa, então ministro da Fazenda, uma nomeação de praticante da Tesouraria da Fazenda em Fortaleza, retorna à sua terra, não mais como oficial de Marinha, mas como simples amanuense. . .

Amainados ou cessados os ecos do tremendo escândalo, Adolfo Caminha vai-se reintegrando na vida fortense. Mas, diga-se de passagem, essa reintegração não se fez sem atritos e novas inimizades:

⁵ Id., ib., [pp. 36-37].

já nem falamos nos novos ataques que faz ao castigo da chibata na Marinha, através das impressões de viagem que publica num jornal em 1890, mas nas polêmicas armadas em torno de problemas literários. Numa delas, o alvo é Antônio Sales e seu livro de estréia, *Versos diversos*, de 1890, com prefácio de José Carlos Júnior. Em 1891, funda Adolfo Caminha a *Revista Moderna* e pelas suas páginas ataca o livro do poeta. Explode a polêmica, entrando na liça o prefaciador, e em 22 de abril desse ano de 1891 o futuro autor de *A normalista* aparece no jornal *O Estado do Ceará*, desafiando publicamente o poeta dos *Versos diversos* para “um *tour de force* em prosa ou verso”, com juizes, padrinhos e testemunhas, como se se tratasse de um autêntico duelo. . .

Pela mesma *Revista Moderna* fizera impiedosa crítica ao romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo, que lhe dará resposta quatro anos depois, alegando que o artigo de Caminha havia saído sem assinatura em 1891.

Em 1892, seria Adolfo Caminha convidado a participar, como fundador, dessa originalíssima Padaria Espiritual, onde pontificava Antônio Sales, e onde iria conviver com figuras como Jovino Guedes, Tibúrcio de Freitas, Álvaro Martins, Lopes Filho, Lívio Barreto, Henrique Jorge, Sabino Batista e outros nomes da primeira fase do grêmio. Mas, apesar dos artigos que publicou na seção “Sabatina”, dos primeiros tempos de *O Pão*, não seria o ex-oficial um dos elementos mais entusiastas da agremiação, segundo observou Leonardo Mota, em seu livro *A padaria espiritual* (1938). E já no Rio de Janeiro, para onde se mudou definitivamente em fins de 1892, como 3º oficial adido ao Tesouro Nacional, ao publicar suas *Cartas literárias*, em 1895, Adolfo Caminha não deixaria de incluir os mesmos artigos com que fizera duras críticas a Antônio Sales e a Rodolfo Teófilo, este último já então membro da Padaria Espiritual, igualmente vergastada nesse livro, o que talvez tenha determinado ao crítico sua expulsão do grêmio.

Publica em 1893 *A normalista*, escrito ainda em Fortaleza, como *No país dos ianques*, que publica em 1894. Em 1895 são publicados dois livros seus: *Bom-crioulo* e as *Cartas literárias*. Escreve *Tentação*, romance que seria editado postumamente, em 1897, com data de 1896. Frota Pessoa informa-nos haver ele escrito uns “Pequenos contos”, iniciado a tradução do teatro de Balzac e lançado as bases de duas obras, “Ângelo” e “O emigrado”, que Sabóia Ribeiro acredita sejam as suas anunciadas “Duas histórias”.⁶ Restam alguns contos esparsos.

⁶ Sabóia Ribeiro. *O Romancista Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1967 [p. 88].

Em 1896, fundou e dirigiu *A Nova Revista*, que circulou de janeiro a setembro. Pelas páginas dessa revista continua o escritor a exercitar seu espírito polêmico.

Com vinte e nove anos de idade e mais sete meses, viria a falecer, na sua casa da Rua Visconde de Itaúna, no dia primeiro de janeiro de 1897. No seu leito de enfermo, foi visitado por amigos como Nestor Vitor, Cruz e Sousa, Frota Pessoa e Oliveira Gomes, secretário de *A Nova Revista*. A tuberculose o apanhara, dominando rapidamente seu organismo debilitado pelo trabalho excessivo. Frota Pessoa fixou as impressões dessa última visita ao conterrâneo e amigo:

Ei-lo no leito da agonia, para o qual resvalou da banca de trabalho. Logo cavaram-se-lhe as faces e fugiram-lhe as escassas cores. O fulgor dos olhos se lhe acentuou com a febre e os membros, pouco a pouco, iam definhando, exibindo as saliências dos ossos descarnados.

Um pouco adiante, depois de aludir à mística doçura de sua fisionomia:

“Recebi n’alma e nela guardarei — agora para sempre — essa melancólica expressão dos seus olhos febris, a indefinível expressão do seu sorriso triste, a lancinante, a dolorosa expressão da sua voz pausada e surda.⁷

Conta-se que, durante a Revolta da Armada, em setembro de 1893, o Governo lhe oferecera o comando de um dos navios da esquadra legalista. Caminha recusara esta oportunidade de retornar à Marinha “para não apoiar as atrocidades dos esbirros de Floriano!”⁸

A aura de antipatia criada pelos seus arroubos iconoclastas deve ter contribuído para o silêncio que se fez em torno de seu nome, por largo espaço de tempo. Sabóia Ribeiro atribui o fato à extinção da Editora Domingos de Magalhães, que publicara seus dois primeiros romances. Seja qual for a razão, o certo é que, além do artigo de Frota Pessoa, em 1902, pouco se escreveu sobre ele, até que, em 1933, Agrippino Grieco sugeriu a reedição de seus romances. Anos depois, em 1941, Valdemar Cavalcanti, no estudo “O enfeitado Adolfo Caminha”, na *Revista do Brasil*, reivindicava o escritor ao esquecimento.

Braga Montenegro, um dos mais destacados críticos cearenses, afirmaria:

Dele pode-se dizer que a vida lhe negou tudo. [E aludiria à injustiça dos que lhe querem negar até mesmo] o talento de ficcionista, a imensa aptidão de escritor que a morte não permitiu amadurecesse.⁹

⁷ Frota Pessoa, ob. cit. [p. 223].

⁸ Sabóia Ribeiro. *Roteiro de Adolfo Caminha*, cit. [p. 82].

⁹ Braga Montenegro. *Correio Retardado*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966 [p. 171].

Mas, se falamos do temperamento impulsivo do escritor (que lhe valeria de Antônio Sales os epítetos de “arroubado, birrento, ran-coroso”, em *O Pão* nº 25, de 1º de outubro de 1895), foi para observar que Adolfo Caminha encontrou no Realismo e, mais ainda, no Naturalismo, o clima adequado à expansão de sua arte e ao desabafo pleno de sua índole e de suas mágoas. Por menos que preze-mos a crítica baseada em dados biográficos, temos de admitir que sua vida atormentada explica em parte sua obra literária: ainda um puro romântico nos primeiros livros, somente na escola de Flaubert e, mais ainda, na de Zola, chegará ao nível de sua obra máxima, o *Bom-crioulo*, tão menosprezado pela crítica do tempo, mas na verdade um dos mais robustos frutos do movimento, a ponto de Lúcia Miguel Pereira, apesar de lhe haver condenado “a ausência de poesia”, não temer colocá-lo ao lado de *O cortiço* de Aluísio Azevedo, como “o ponto alto do naturalismo” no Brasil.¹⁰

Em *A normalista*, vingando-se de uma sociedade na qual não via autoridade para julgá-lo, Caminha retratou-a impiedosamente, pondo-lhe à mostra todas as baixezas e podridões morais, e caricaturando algumas pessoas com que se desaviera. Nada aí é grandioso: João da Mata é um canalha perfeito, sendo interessante notar a sintonia lombrosiana de seu físico horrendo com seu caráter torpe; o Zuza, obrigado pelo pai a viajar, deixando Maria do Carmo, lamenta não haver aproveitado os momentos de paixão da moça, mas conclui que “já se foi o tempo de um homem sacrificar posição e futuro por uma mulher pobre.”¹¹

O Bom-crioulo, uma triste e sombria história de marinheiros, onde se conta um caso de homossexualismo (talvez o primeiro da literatura brasileira), e cujo personagem central é um negro, fato incomum em nossa ficção, apresenta-nos o escritor já senhor absoluto de seu ofício: pode-se-lhe censurar aquela mencionada ausência de poesia, e ao seu tempo muitos exprobraram ao autor a exploração de tema tão escabroso. Ninguém lhe poderá negar porém a admirável unidade estrutural, como ao autor não se poderá negar a coragem com que abordou o problema e a mestria com que soube desenvolver a trama romanesca, a que seu grande talento emprestava cores ainda mais sombrias.

¹⁰ Lúcia Miguel Pereira. *Prosa de ficção*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973 [p. 173].

¹¹ Muitos dos ataques ao povo e à cidade, refletindo o pensamento do autor, são ditos pelo Zuza. Mas não concordamos com M. Cavalcanti Proença (*Estudos literários*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1974 [p. 157]), que disse: “Com um pouco de deformações, Zuza será, no fundo, o próprio Caminha.” Seria o mesmo que afirmar ser o primo Basílio o próprio Eça, e o Simas, o próprio Pápi Júnior.

Seu último romance, *Tentação*, que traz data de 1896 mas foi publicado após a morte do escritor, ocorrida no Rio, em 1º de janeiro de 1897, além de conter ataques à alta sociedade carioca, notadamente aos monarquistas, numa crítica retardatária aos apologistas do Imperador, expõe ao ridículo certo Valdevino Manhães, que é a caricatura de Valentim Magalhães, espécie de “papa” da vida literária do Rio de Janeiro em fins do século passado. Aliás, no número 2 de *A Nova Revista*, fundada e dirigida por Adolfo Caminha na Capital do País, em 1896, estampa o escritor cearense um artigo que, no dizer de Plínio Doyle, é “uma resposta bastante violenta às críticas de Valentim Magalhães ao romance *Bom-crioulo*”.¹²

É de *Tentação*, derradeiro romance de Adolfo Caminha, que desejamos falar mais demoradamente.

II. TENTAÇÃO

Razão teve Sabóia Ribeiro ao afirmar que *Tentação* foge dos moldes naturalistas, assinalando que a narrativa decorre suavemente, “sem nada daquelas costumeiras complicações e dramas da patologia do sexo que são o pábulo do Naturalismo original”.¹³

Efetivamente, podemos observar que embora a fuga não seja absoluta, há um abismo entre os dois outros romances, naturalistas à *outrance*, e este, simplesmente realista.

É interessante verificar que, enquanto o próprio Aluísio Azevedo nem sempre explorava as aberrações sexuais, no Adolfo Caminha de *A normalista* e do *Bom-crioulo*, quando não surgem desvios doentios, pelo menos aparecem cenas repelentes. Assim é que, exce- tuando certa cena de lesbianismo em *O cortiço*, mesmo a erotomania de Magdá, em *O homem*, não nos parece tão chocante quanto a atração de Amaro por Aleixo no *Bom-crioulo* (sendo ainda digna de registro a passagem em que a velha portuguesa conquista o grumete. . .), como nada são os desejos da Ana Rosa, de *O Mulato*, ou as aventuras do Amâncio e suas parceiras na *Casa de pensão*, diante do trecho em que o asqueroso João da Mata seduz Maria do Carmo, em *A normalista*.

Em *Tentação* não há tipos repugnantes, ao menos fisicamente, o que já é fugir a um dos aspectos da doutrina naturalista: Evaristo de

¹² Plínio Doyle. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1976 [Vol. 1, p. 55].

¹³ Sabóia Ribeiro. *O romancista Adolfo Caminha*, cit. [p. 76].

Holanda é um jovem republicano, cheio de idealismo, que ama a sua esposa Adelaide e que, em sua companhia, deixa a província para tentar a vida na Corte; Adelaide, por sua vez, tem “um coração de ave mansa”, mas resiste às tentações da vida na MetrÓpole: tem todos os incentivos para se entregar a um quase belo sedutor, mas prefere a fidelidade ao esposo, coisa rara no Realismo ou no Naturalismo; Luís Furtado, colega dos tempos de Liceu, é o responsável pela ida de Evaristo para o Rio: bem relacionado com desembargadores, comendadores, viscondes e barões, é monarquista por isso mesmo e dado a conquistas, o que não parece molestar muito sua esposa, D. Branca, por demais habituada à vida do Rio, onde, segundo ela mesma, “o luxo nada tinha com a honestidade de uma senhora, desde que ela se portasse bem. . . ao menos aparentemente”; o visconde de Santa Quitéria, amigo dos Furtados, é um perfeito cavalheiro, diretor do Banco Luso-Brasileiro, residindo ora em Petrópolis (quando lá se encontra a família imperial), ora em seu palacete das Laranjeiras, tendo ainda, para as transações da Bolsa, escritório na Rua da Alfândega, composto de uma saleta e uma alcova “com *toilette* de mármore e outros objetos indispensáveis ao asseio de um homem”; solteirão, tem fama de belo entre as mulheres. . .

Quanto ao Valdevino Manhães, já o dissemos, é a figura caricaturada do poeta dos *Cantos e lutas*. Se em *A normalista* a sátira a João Lopes é velada pelo nome de José Pereira, apesar de surgir clara pelas reminiscências do jornalista, em *Tentação* é mais do que evidente — e foi essa a intenção do autor — a alusão ao modelo, a começar pelo nome, que mal esconde o do original. No último romance de Caminha, o poeta é

diretor da *Revista Literária* e autor de muitos livros, de muitíssimas obras, entre as quais o poema herói-cômico *Juca Pirão*, paródia ao “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias,

o que prontamente nos faz lembrar que o escritor fluminense era diretor da revista *A Semana*, e autor, dentre outras obras, de *A vida de Seu Juca* (1880), paródia de *A morte de D. João*, de Guerra Junqueiro. . .

Dissemos que a fuga ao Naturalismo em *Tentação* não é absoluta pelo fato de haver ainda aqui e ali umas notas que lembram a corrente; no capítulo I, por exemplo, há este trecho de descrição, caro aos seguidores de Zola:

Da janela do quarto via-se luz no segundo andar, e não poucas vezes ecoava embaixo, no fundo escuro da área, o som de uma cusparada.

Para o fim do romance, no capítulo VIII, temos a cena em que, ouvindo gritos finos de mulher no segundo andar, D. Branca e Antônio, o empregado, correm a ver do que se trata:

O fâmulos do secretário não esperou pela patroa: galgou os degraus dois a dois, três a três, numa elasticidade felina de músculos, e, sem guardar conveniências, enveredou pelos aposentos do bacharel. D. Branca foi encontrá-lo sobrepujando Adelaide que se debatia no leito numa agitação de todo o corpo, os olhos desvaírados, a face muito pálida, em convulsões histéricas.

Isso, que aqui deve seu destaque ao fato de aparecer isoladamente, chega quase a diluir-se no meio da narrativa.

O mais são notas discretas, como aquela em que, no capítulo II, apenas em pensamento Furtado se delicia com os olhos, a boca, o sorriso de Adelaide; vem-lhe ao cérebro a imagem simples e ingênua do amigo; então,

Furtado espancava uma imagem para deliciar-se com a outra, com a dos olhos meigos e sorriso angelical.

Ou aquela outra, do capítulo IV, em que, igualmente através do pensamento, vemos desnudar-se o caráter do secretário, que já não pensava na deslealdade ao amigo,

abstraindo de tudo que não fosse o desejo criminoso e lúbrico de aumentar o número das suas conquistas.

Todavia, no mesmo capítulo, é bastante velada a maneira como o secretário tenta sua conquista:

... abaixou a cabeça, num movimento nobre, e beijou-lhe, audaciosamente, a mão, oferecendo-lhe, ato contínuo, o braço.

A única passagem que poderíamos chamar de cena de alcova, ao longo de toda a narrativa, o "*rendez-vous* amoroso" de D. Branca e do Santa Quitéria, no capítulo VIII, tem como clímax este trecho:

— Você não imagina — dizia ela — o sacrifício que me custou!... E os homens ainda falam mal das mulheres. . .

Ele, então, fazia-se meigo, derreava a cabeça, sem prejudicar a linha correta do porte, dando palmadinhas na mão dela, numa intimidade de casal. Tirou da botoeira a rosa que trazia e ofereceu-lha com uma graça muitíssimo gentil.

Se Furtado, D. Branca e o Santa Quitéria não são grande coisa como caráter, Evaristo e Adelaide, que na verdade são as figuras para as quais tende indubitavelmente a simpatia do autor, são pessoas simples, até ingênuas às vezes, mas por isso mesmo puras e honestas. Razão por que, enojados com a artificiosa vida da Metrópole, cheia de hipocrisias e traições, resolvem regressar à sua província.

A propósito do enredo, houve quem nele visse uma tese puramente romântica, ou seja, a da superioridade da vida nas pequenas cidades

sobre a vida nos grandes centros. Sabóia Ribeiro observa entretanto que o escritor deve ter-se baseado, para a fabulação do romance, precisamente na realidade, onde tantos são os desajustes de provincianos nas cidades grandes. E faz uma comparação que não nos parece descabida, ao dizer:

Adolfo Caminha, no caso, apenas viveu uma situação pragmática, que também se repetiria em Eça, na *Cidade e as serras*, sob outra motivação.¹⁴

Após discorrer sobre *A normalista* e *Bom-crioulo*, ressaltando qualidades e defeitos dessas duas obras, e com justiça destacando a superioridade do segundo em relação ao primeiro, Lúcia Miguel Pereira lança sobre *Tentação* este julgamento que não consideramos inteiramente justo:

Já *Tentação*, seu derradeiro trabalho, é fraquíssimo. Nessa tentativa fracassada de evocar o meio social da Corte, denunciando-lhe a corrupção, nenhum tipo é verdadeiro, nenhum passa de mera ilustração do ódio do autor, republicano, pela gente do Império.¹⁵

É claro que, em comparação com o *Bom-crioulo*, julgado pela mesma autora, como vimos, um dos pontos culminantes da corrente naturalista entre nós, o romance póstumo de Caminha deixa a desejar, e mesmo *A normalista* lhe é superior, a nosso ver. Mas daí a considerá-lo uma “tentativa fracassada”, onde “nenhum tipo é verdadeiro”, e sobretudo fulminá-lo com o qualificativo de “fraquíssimo”, a distância é considerável. Talvez não chegue o romance a ser rigorosamente “uma obra-prima, que se alça num plano do mais alto nível”,¹⁶ como julgou Sabóia Ribeiro, mas não há dúvida de que se trata de uma obra que honra o nome de seu autor, pela sobriedade e segurança das descrições, pela verdade que ressuma da pintura dos fatos e dos caracteres, como ainda pelas notas de crítica social, não obstante algum exagero no tocante a este último aspecto.

E aqui tocamos noutro ponto de certa forma controvertido, uma vez que não conseguimos deixar de ver no romance essa prevenção do republicano contra os monarquistas, a que se refere a citada escritora. A nosso ver é clara a sátira aos turiferários do trono que, segundo a ótica do narrador, viviam girando em torno da família imperial, a ponto de os incômodos do Imperador assumirem proporções de calamidade pública.

¹⁴ Sabóia Ribeiro. *Alguns aspectos de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro, Tupy, 1964 [p. 15].

¹⁵ Lúcia Miguel Pereira, ob. cit. [p. 176].

¹⁶ Sabóia Ribeiro. *Alguns aspectos de Adolfo Caminha*, cit. [p. 13].

Josué Montello, numa das primeiras páginas de crítica em torno do romance em causa, observa:

Ao contrário do que se tem escrito, não nos parece que *Tentação*, o terceiro e último romance de Adolfo Caminha, seja dominado pela exaltação republicana. O conteúdo político, neste livro, é parte mínima: nem se pode dizer que o romancista haja tomado partido, porquanto, se uma de suas personagens propugna pela causa da República, a outra defende a Monarquia, além de se derramar em grande parte da narrativa o sentimento de respeito e veneração do povo à família imperial.¹⁷

Sabóia Ribeiro vai mais longe e acentua, referindo-se a esse carinho popular por D. Pedro II:

Dir-se-ia que o ex-aluno da Escola de Marinha que, anos antes, se portara com irreverência, numa festa, em que fora o orador, procurava agora se retratar num arrependimento tardio embora justo.¹⁸

Não precisamos recorrer à biografia do ficcionista para ver que ele se identifica infinitamente mais com Evaristo do que com o Furtado. Por outro lado, é bem clara a ironia presente nos passos em que o narrador se refere à preocupação dos monarquistas com “a doença do real personagem”, como o diálogo em que se fala em diabetes e em glicosúria, no capítulo III, sem falar nas alusões ao “augusto enfermo com o seu préstimo de áulicos e turiferários”, ou à “imperial viagem”, e ainda aos “imperiais turistas”. No capítulo V, diz o romancista:

A vida fluminense, por assim dizer interrompida com a ausência da aristocracia palaciana, voltava a funcionar, é verdade que sem o estímulo habitual, porque a sabedoria de Hipócrates ordenava ao imperador uma retirada para o outro continente, e os olhos do povo e da nobreza cedo começavam a chorar a ida inevitável do augusto e perpétuo defensor do Brasil. [Adiante, diz que] o segundo Alcântara, bisneto da Sr.^a D. Maria I. universalmente conhecido pelos seus versos ao *bom povo ituano* e pelo seu amor às letras, que na Europa dava-lhe foros de primeiro poeta do Brasil — o celebrado amigo de V. Hugo e das canjas do Teatro Lírico ia sulcar o Atlântico *para bem do povo e felicidade da nação*.

Onde a isenção, o respeito, e sobretudo a retratação? Cremos ser justamente a sátira cruel o lado frágil de *Tentação*. Não vemos porém como ignorá-la.

Os três romances de Adolfo Caminha encerram um desabafo: *A normalista*, contra a sociedade de Fortaleza; o *Bom-crioulo*, contra a Marinha imperial e seus castigos de bordo; e *Tentação*, contra o Rio de Janeiro, onde o escritor angariou algumas inimizades.

¹⁷ Josué Montello. “A ficção naturalista”, in *A Literatura no Brasil* (Dir. Afrânio Coutinho), 2.^a ed., Rio de Janeiro. Sul-Americana, 1969 [vol. 3, p. 80].

¹⁸ Sabóia Ribeiro. *O romancista Adolfo Caminha*, cit. [p. 78].

E não é à toa que as figuras mais simpáticas de *Tentação*, Evaristo e Adelaide, não comungam com os demais na adoração à família imperial. Os defeitos, como que os distribui o romancista entre os seguidores da coroa. A exceção deveria ter sido o Valdevino Manhães, que era um republicano, autor de uma *Ode à Coroa*, ou *Ode à Monarquia*. Mas ocorre que o Dr. Condicional (este o apelido do poeta) renega suas convicções republicanas e é visto por Branca e Adelaide entre aqueles que assistiam ao embarque do velho Imperador.

Retratação do romancista podemos encontrar, concordando assim com Sabóia Ribeiro e com Josué Montello, é com relação à província, tão fustigada em *A normalista*, e reabilitada em *Tentação*. Foi precisamente o que assinalou o escritor maranhense:

No casal de provincianos que se desloca para o Rio e aqui só encontra a falsidade e a hipocrisia, Caminha como que se penitencia de haver zombado da Província, no seu primeiro romance.¹⁹

Todavia, não deixa de ser interessante observar que Adolfo Caminha faz seus personagens saírem de Coqueiros, na província, mas em nenhum momento identifica claramente essa província com o Ceará, como havia feito em *A normalista*, onde sabemos perfeitamente qual a cidade em que se desenrola o enredo. Haveria nisso reminiscências da mágoa que a terra natal lhe causara? Desejo velado de não parecer que se estava retratando? Seja como for, está pelo menos implícito que essa província, tão poeticamente rústica, mas, ou por isso mesmo, tão pura e verdadeira, representa a terra onde nasceu e por alguns anos viveu, amou e sofreu Adolfo Caminha; terra que lhe dera sofrimentos, é verdade, mas da qual nunca deixou de sentir uma imensa saudade. . .

III. NO PAÍS DOS IANQUES

Escrito no Ceará, no ano de 1890, oportunidade em que foi publicado no *Diário do Ceará*, e editado em volume em 1894, no Rio de Janeiro, *No país dos ianques*, como já foi dito, é como que o diário da viagem que Adolfo Caminha fez no cruzador *Almirante Barroso*, em 1886, como guarda-marinha: partindo do Rio de Janeiro, aportou em Pernambuco, para dali seguir para Barbados, depois Jamaica e afinal Estados Unidos, mais precisamente Nova Orleans, onde o

¹⁹ Josué Montello, ob. e loc. cit.

navio iria representar o Brasil na Exposição Internacional que ali teria lugar; depois, Cuba, novamente os Estados Unidos, desta vez Nova Iorque, e depois Baltimore, Filadélfia, e por fim Anápolis, West Point e Newport.

Logo na abertura do pequeno prefácio com que apresenta o livro, Adolfo Caminha transcreve palavras de Taine, em que o crítico francês deixa claro que cada um deve dizer aquilo que viu, e unicamente o que viu, pois para ele as observações, desde que sejam pessoais e feitas de boa-fé, são sempre úteis.

Ora, se Adolfo Caminha chegou a afirmar, certa vez, numa página hoje desconhecida de muitos — o prefácio às *Estrofes*, de F. Alves Lima —, que a própria poesia

deve ser a expressão em verso da verdade filosófica ou científica [uma vez que], A verdade é tudo na Arte como na Ciência,²⁰

o que nunca felizmente chegaria a comprometer a literariedade de sua ficção, mais razão teria ele para invocar essa verdade com relação a um livro de observação, como é a narrativa de uma viagem.

Pensara a princípio em escrever uma obra de interpretação a respeito dos Estados Unidos; em tempo verificou, porém, que a tarefa não caberia a quem esteve apenas de visita à grande nação, e assim foi que se decidiu a seguir à risca o conselho de Taine, mestre de sua geração, fixando com o maior apego à verdade tudo quanto viu no país dos ianques.

Todavia, o ficcionista não poderia estar ausente dessas notas pessoais. E no capítulo I encontramos trechos como este, digno de um romance:

Noite escura e chuvosa, cheia de nevoeiro e tristeza, fria, sem estrelas, cortada de clarões longínquos. Tão escura que se não distinguia um palmo diante do nariz, tão feia que os bicos de gás da cidade, soturna e quieta, bruxuleavam palidamente com a sua luz trêmula e vacilante...

No capítulo XI há momentos assim:

Crepúsculo... Céu pardo com uns tons de azinhavre muito vagos, aqui, ali, bordando nuvens... Embaixo a longa extensão côncava do vale afundando-se como o leito de um grande mar, que tivesse desaparecido, verde-escuro, indistinto quase a essa hora do dia.

Não falta a nota humorística, no capítulo VI, neste trecho:

Nuvens de mosquitos atordoaram-nos toda a noite. “— Caramba! exclamava o barbeiro de bordo, um estimável espanhol que trazíamos do Rio de Janeiro. Caramba! Mosquitos por mosquitos me gustan más los del Brasil!”

²⁰ Adolfo Caminha. “Carta”, in F. Alves Lima, *Estrofes*. Fortaleza, Tip. Universal, 1891 [p. XII].

No capítulo I destaca-se a história de Gustavo Adolfo, poeta paraense cuja ambição o levava ao presídio de Pernambuco; essa narrativa é, como bem observou Sabóia Ribeiro, “quase um pequeno conto incrustado no livro”.²¹

Tudo isso são prenúncios do que iria cristalizar-se mais tarde no seu estilo de ficcionista.

O antimonarquismo de Caminha, que iria povoar vários passos de *Tentação*, também está presente nestas páginas escritas em 1890: ora se revela no relato de uma cena em que o príncipe D. Augusto é confundido com outro rapaz; ora explode em frases como esta, em que o narrador afirma que

o imperador nunca estendeu o seu *magnânimo* olhar até aos cárceres senão em certos dias de gala natalícia para indultar os escolhidos da política dominante; [ora ainda quando, ao ver estátuas em Barbados e em Jamaica, lembra] aquela colossal massa de bronze que se ergue no Largo do Rocío, no Rio de Janeiro, em forma de um monarca escanchado num belo cavalo [e lamenta não ser], aquele bronze aproveitado para outra cousa mais digna e útil [ora ainda quando fala do]; anacrônico império do Sr. D. Pedro II. . .

O castigo da chibata, que iria ainda reaparecer no romance *Bom-crioulo* (1895), e que já era há muito uma preocupação de Caminha, está presente em algumas páginas de *No país dos ianques*. Aí conta o escritor como, logo ao deixar a Escola de Marinha, publicara um conto abordando o problema, e quais suas conseqüências:

Escusado é dizer que o meu artigo provocou o despeito dos culpados indretamente feridos no seu amor-próprio. Embora! Fiquei satisfeito, como se tivesse sacudido para longe um fardo pesadíssimo.

É interessante observar que, coerente com seus anseios de progresso e civilização, o escritor não se conformava com o papel subalterno desempenhado pela mulher em relação ao homem, àquele tempo; e, entusiasmado com o trabalho das caixeiros de Nova Orleans, assinala que isto era

muitíssimo natural, mas não no Brasil, onde as senhoras estão eternamente proibidas de competir com o outro sexo na vida pública.

Por sinal, algumas observações de Caminha servem para nos mostrar o quanto nosso país evoluiu em menos de um século no concerto das nações.

É natural o arrebatamento com que o jovem militar viu a grandeza dos Estados Unidos, cujo povo, certo de seu progresso, não deixou de

²¹ Sabóia Ribeiro. *Roteiro de Adolfo Caminha*, cit. [p. 19].

se admirar do cruzador *Almirante Barroso*: “Como? Pois no Brasil também se fabricam navios de guerra? Está muito adiantado o Brasil!” Mas é pena que, em seu deslumbramento, o escritor haja algumas vezes exagerado a pequenez do Brasil de então diante da grande nação do Norte; já nem falamos, é claro, do trecho em que lamenta ser pequeno o nosso País, apesar de “toda a grandeza de suas montanhas e de seus rios, diante do colosso americano do norte”. Referimo-nos a trechos como este, do capítulo XV, em que, ao fazer o elogio da Escola de West Point, observa:

E não era sem uma ponta de tristeza que nós, brasileiros — raça degenerada e linfática —, víamos criar-se assim uma raça forte e alegre com todos os caracteres de virilidade e independência.

Neste ponto, Adolfo Caminha, que havia sido tão lúcido ao combater os anacronismos que o rodeavam, pagava seu tributo às idéias da época (e de muitos anos mais tarde, é preciso que se reconheça), ao acreditar no mito das raças superiores e inferiores. . .

Sabino Batista, companheiro de Caminha na Padaria Espiritual, escreveu um rápido e desprezioso artigo cujo objetivo era registrar o aparecimento de mais um livro do já conhecido escritor, dizendo:

No país dos ianques não é um livro de crítica ou de análise aos costumes e ao caráter desse grandioso povo tão nosso irmão e que nós tanto admiramos, mas sim uma carteira de turista que, sôfrego de novidades, de novas sensações, vai anotando tudo o que a retina apanha de passagem.

E, alguns passos adiante, assinala com razão:

Tanto no romance como nas notas de viagens Caminha mostra pujantemente qualidades inatas de artista e de fino observador. A par de uma boa forma, de um magnífico estudo, o autor da *Normalista* é fluente em adjetivação, fácil e compreensível na linguagem.²²

É evidente que o interesse desse livro de Adolfo Caminha é relativo, principalmente levando-se em conta que, sendo um livro de viagem, retrata uma realidade já ultrapassada, ou seja, uma visão pessoal e rápida dos Estados Unidos de 1886. É certo que um romance, *Tentação*, no caso, igualmente reproduz um mundo hoje desaparecido, ou seja, o Rio de Janeiro dos últimos tempos da Monarquia. Mas é preciso lembrar que, se o objetivo de um livro de viagens é servir de documento, o de um romance, mesmo realista, não pode ser só este. Em todo caso, não é interessante para o leitor atual uma visão de como eram os Estados Unidos há mais de noventa anos?

²² Sabino Batista. “*No país dos ianques*”, in *A República*, Fortaleza, 4 out. 1894 [p. 3].

Ademais, ainda é importante a leitura de *No país dos ianques* pelo fato de, sendo um livro escrito em 1890, baseado em anotações de 1886, já apresentar algumas das características fundamentais de observação e de estilo que marcarão a obra futura de Adolfo Caminha.

IV. ESTA EDIÇÃO

Estes dois livros de Adolfo Caminha, obras que tiveram apenas uma edição, devem seu reaparecimento a um conjunto de coincidências: estando no Rio de Janeiro, procurava o autor destas linhas um exemplar de *Tentação*, quando o foi localizar na valiosa coleção de livros cearenses do Dr. José Bonifácio Câmara, que gentilmente lhe cedeu cópia xerográfica da obra, hoje rara, ao mesmo tempo que o presenteava com um exemplar de *No país dos ianques*. Pensou-se então na possibilidade de uma reedição desses livros, geralmente citados, mas tão pouco lidos.

Foi quando o Prof. Cláudio Martins, presidente da Academia Cearense de Letras, organizou um plano visando intensificar as reedições de obras cearenses.

Terá assim o leitor contemporâneo oportunidade de conhecer o último romance e o único livro de viagem de Adolfo Caminha. Se *Tentação* e *No país dos ianques* não contribuírem para aumentar ainda mais o prestígio do escritor, é certo que também não lhe diminuirão o renome, conseguido a golpes de talento, ferrenha obstinação e amor às letras.